

Florianópolis terá mais uma edição do TUM Festival

PÁGINA 4



'Fides' abre as feridas do assédio na sociedade

PÁGINA 6



Aos 91 anos, Othon Bastos vive novo auge na carreira

PÁGINA 7



2º CADERNO

A batuta argentina de Coppola



Marty Soh/Met Opera

Osvaldo Golijov, que hoje colhe aplausos no Metropolitan de Nova York em ópera com Deborah Colker, compôs a trilha sonora de 'Megalópolis', que traz o cineasta ao Brasil

Glen Scattlebury/Divulgação



Golijov e Coppola em Cannes. Além da trilha para o ousado 'Megalópolis', o argentino compôs os temas da ópera 'Ainadama'

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Tem sangue (e som) argentino em "Megalópolis", épico estonteante que estreia nesta quinta, com distribuição da O2, mas, antes, encerra a 48ª Mostra de São Paulo, com direito à visita de seu realizador, o titã Francis Ford Coppola, que receberá o troféu honorário do evento, o Prêmio Leon Cakoff, pelo conjunto de uma obra eter-

nizada por "O Poderoso Chefão" (1972). Nuestro hermano que brilha no filme é o compositor Osvaldo Golijov, nascido em La Plata, há 63 anos.

É dele a trilha sonora que tem deslumbrado tímpanos das plateias que embarcaram na delirante história de um arquiteto, Cesar (Adam Driver), capaz de parar o tempo numa Nova York rebatizada de Nova Roma.

"Osvaldo é um maravilhoso compositor clássico. Como este é um filme sobre tempo, o ritmo tem muita importância", disse Coppola em Cannes, ao elogiar seu parceiro criativo, enquanto concorria à Palma de Ouro.

Apaixonado por Milton Nascimento, Golijov já compôs para o mítico realizador antes ("Velha Juventude", "Tetro", "Twixt - Virgínia"). Neste momento, anda às voltas com uma experiência singular nos palcos com a coreógrafa brasileira Deborah Colker. Há duas semanas, ela estreou no Metropolitan Opera, em Nova York, com casa cheia e aplausos inflamados, o espetáculo "Ainadamar" (sobre a vida e a morte do poeta espanhol Federico García Lorca), ao qual Golijov emprestou seu talento, trabalhando sobre um libreto de David Henry Hwang. Estrearam no principal palco lírico dos EUA.

Continua na página seguinte

ENTREVISTA / OSVALDO GOLIJOV, MAESTRO E COMPOSITOR

Divulgação

'Descobri Piazzolla aos nove, dez anos e já entendi suas notas'

Na entrevista a seguir, Osvaldo Golijov fala ao Correio da Manhã sobre a "argentividade" que agrega a essas parcerias com realizadores como o cineasta Francis Ford Coppola e a coreógrafa Deborah Colker.



minha linha melódica; há uma dimensão noir, com traços dos filmes de Hitchcock, que Francis adora, em relação à música de Bernard Herrmann; e há temas românticos.

Que sons guiam as partituras de "Megalópolis"?

Osvaldo Golijov: Francis pensou nesse filme po décadas e queria que seu pai (o compositor Carmine Coppola) escrevesse a música, só que ele morreu nos anos 1990. Chegou a compor alguns temas antes de partir. Então Francis foi buscar um outro músico, mas não queria alguém de Hollywood. Ouviu meu trabalho, gostou e mandou-me uma carta, que tenho até hoje, com um convite para que eu fosse até sua casa, onde fica sua vinícola. Lá fechamos parceria. Ele queria muita coisa para a trilha. "Megalópolis" tem um estilo à moda "Ben-Hur" para ressaltar a dimensão romana da trama; tem o tema da utopia, mais próximo da

"Megalópolis" coroa uma travessia sua pelo cinema, de mãos dadas com Coppola, que vem lá de "Velha Juventude" (2007) e passa por "Tetro" (2009). O que o senhor leva de suas raízes argentinas nessa jornada sinestésica pela música?

Piazzolla. O que eu faço não se parece com a sonoridade dele, mas foi de Astor Piazzolla que veio a experiência fundamental para que eu entendesse a existência de uma música capaz de traduzir o povo, gente como a gente, em músicas que expressam como as pessoas amam, como se movem. Minha mãe era pianista profissional e me botou em contato com a música desde cedo. Eu descobri Piazzolla aos nove, dez anos e já entendi suas notas.

CRÍTICA / CINEMA / MEGALÓPOLIS

Divulgação

Um trem desgovernado. E imperdível

Entre todos os concorrentes do 77º Festival de Cannes, o título que mais chamava atenção e mais mobilizava apostas foi uma produção idealizada há quase quatro décadas, cujo diretor, hoje com 85 anos, tem duas Palmas de Ouro no currículo: Francis Ford Coppola. O longa tão esperado: "Megalópolis".

Sua primeira exibição teve sabor de controvérsia. É um exercício autoral de risco absoluto, mas que beira a extravagância, resvalando no excesso e até na caricatura, como um trem desgovernado. Apesar do aparente desgoverno, sua

dimensão poética é inegável, e irresistível.

A música de Osvaldo Golijov é um dos raros pontos em que o filme não gera dissonância de opiniões, assim como na atuação de Giancarlo Esposito no papel de Pompeu, o prefeito de uma Nova York apresentada como Nova Roma.

Depois do fenômeno "Oppenheimer", a indústria anseia por longas voltados para plateias adultas, com temáticas de tons polêmicos, que possam faturar muito e alcançar prestígio. Porém, depois de Cannes, há quem defina a película como um tropeço e quem veja nela um poema com absoluta liberdade narrativa. Não se fala em obra-prima, mas todos enxergam ali liberdade plena... e poesia.

Nos EUA, os estúdios da Meca do cinema não se mobilizaram para apoiar o diretor em seu projeto faraônico, orçado em US\$ 120



Osvaldo Golijov, maestro e compositor argentino

Piazzolla passa pela linha melódica de "Tetro", que se ambienta em Buenos Aires?

Logo que começamos a trabalhar, Francis me disse: "não quero tango". Eu pensei: "mas como é que vou imprimir 'argentividade' nesse filme sem tango". Aí, ele disse que encantara Buenos Aires como uma cidade sensual, feito Roma, Havana ou Nova Orleans. Essa ideia de sensualidade me fez explorar sons mais folclóricos. Raúl Barboza (acordeonista) é um exemplo dessa linha.

Cabe espaço para a Música Popular Brasileira nos seus tímpanos?

Quando eu era adolescente, eu descobri

Milton Nascimento e aquilo me matou, abriu um oceano para mim. Daí vieram as harmonias de Tom Jobim. Depois, Gilberto Gil e Caetano Veloso reforçaram a certeza que eu tive do quanto a música brasileira é rica.

O Brasil volta a cruzar seu caminho agora por meio de Deborah Colker, com "Ainadamar", no Metropolitan de Nova York. Como foi seu processo criativo com a coreógrafa?

Deborah tem ideias muito diferentes de muitos diretores com que trabalhei por seguir uma linha quase geológica em sua estrutura. Ela me impressionou por seu domínio de ritmo. Nunca imaginei um dia ver um trabalho meu inteiramente dançado, como ela fez.

Como o senhor avalia a forma de Coppola criar e qual é o maior legado dele para a arte?

Existe uma frase do escritor Jorge Luis Borges que diz: "As vidas e os sonhos são páginas de um mesmo livro". Coppola é a encarnação desse pensamento, pois em sua forma de experimentar, com um espírito de liberdade pleno, ele não parece diferenciar esses extremos, sendo capaz de brincar em situações muito sérias. Basta lembrarmos do surfe em "Apocalypse Now".

Qual será a sua próxima empreitada?

Estou idealizando uma ópera sobre a cadelinha Laika (que foi para o espaço, pela União Soviética, em 1957), Vai ser uma abordagem surrealista.



Adam Driver em "Megalópolis"

milhões e bancados do seu próprio bolso, com o dinheiro de suas vinícolas.

Numa sequência inquietante, o arquiteto Cesar Catilina (Adam Driver) caminha sobre o teto de uma construção e observa os céus de sua

cidade até que, prestes a cair, ele consegue parar o tempo com uma palavra de ordem, estalando o dedo para que tudo volte a funcionar. Ganhador de um Nobel, Cesar é tido como cientista após ter inventado uma substância capaz de paralisar o fluxo temporal. Seu sonho é construir um mundo utópico. Toda a trama é uma referência explícita ao Império Romano, desde os nomes dos personagens até diálogos em latim na narração feita por Laurence Fishburne. Sua forma de narrar abre espaço para reflexão filosófica acerca da ponte entre aquele mundo e uma tradição que sucumbiu pela barbárie.

Cesar é uma figura controversa. Ao alcançar fama, almeja criar uma NY perfeita, apesar de o alcaide do local, Cícero (Esposito), discordar de seus atos. A peleja é narrada com muita experimentação e até com imagens documentais. (R.F.)

Patrimônio mais valioso do cinema de Invenção brasileiro, o diretor catarinense terá o cult 'Abismu' projetado em cópia nova

Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã



Lá se vão 20 anos que o realizador de "O Bandido da Luz Vermelha" (1968), Rogério Sganzerla (1946-2004), partiu sem pedir

licença à saúde da gente. Reverenciado por estudiosos de todo o país e preservado como patrimônio do chamado Cinema de invenção, o diretor nascido em Joaçaba (SC) e radicado entre SP e o Rio de Janeiro teve sua obra preservada e difundida graças ao trabalho hercúleo de sua companheira (de vida e trabalho), a atriz e diretora Helena Ignez, e de suas filhas, Sinai e Djin Sganzerla, ambas cineastas. A fim de celebrar seu legado – e reconhecer todo o esforço de sua família em prol da cultura nacional -, a Mostra de São Paulo resserviu espaço em sua reta



Mostra exhibe cópia inédita de 'Abismu', cult de Rogério Sganzerla, nesta terça, às 18h30, no Cinesesc

Dá-lhe, Sganzerla!

final para homenagear esse titã das telas com uma projeção, nesta terça, às 18h30, no CineSesc, de um de seus longas mais radicais: a ficção "Abismu", de 1977, também conhecida como "O Abismo". Há um ano, uma cópia digitalizada estalando de nova do filme foi projetada no Festival de Locarno, na Suíça, recebida por uma calorosa declaração do curador Giona A. Nazzaro: "Se Sganzerla tivesse nascido na França, ou na Itália, ele seria reverenciado como um gigante entre os realizadores de seu tempo".

Godardiano até a alma, "Abismu" aposta

numa constelação de mitos (Norma Bengell; José Mojica Marins; Wilson Grey; e Jorge Loredo, o Zé Bonitinho) ao narrar uma trama sobre manuscritos perdidos e civilizações ancestrais. Em sua trama, inscrições em algumas das cavernas da Pedra da Gávea, que remontam ao período pré-colonial, deflagram um tributo ao músico Jimi Hendrix e ao poder de Mu, divindade fenícia celebrada por um fanatizado e intergaláctico Loredo.

Diretora do premiado "Canção de Baal" (2009), Helena Ignez reage com alegria à opção de festivais por um filme de seu parceiro

de amor e criação que é embalado por Jimmy Hendrix. Na época da exibição em Locarno (onde foi premiada em 2010, por "Luz nas Trevas", espécie de sequência espiritual de "O Bandido..."), a estrela explicou ao Correio que "Rogério é um pensador profundo". Segundo ela, o cineasta "usa o humor como um elemento fortíssimo na filmografia dele, um elemento da profundidade. No caso do 'Abismu', a música do Hendrix evoca nossa ancestralidade. Hendrix era um negro de ascendência indígena. Ele nos representa profundamente. Reflete nosso território também".

O QUE ASSISTIR NESTA TERÇA NA MOSTRA DE SP

POR RODRIGO FONSECA

Fotos/Divulgação

CENTRO ILUSÃO, de Pedro Diógenes (Brasil):

Esta delicada produção cearense ganhou o prêmio de melhor filme na seção Novos Rumos do Festival do Rio. Em cena, dois músicos de gerações diferentes se conhecem em uma audição para um concorrido laboratório de música na cidade de Fortaleza. Tuca tem 50 anos e se sente frustrado com sua carreira. Kaio, de 18 anos, é um aspirante a artista que deseja fazer sucesso com suas próprias composições. Tentando conquistar essa vaga importante, os dois jogam suas esperanças e sonhos na possibilidade de serem aprovados. Onde: Reserva Cultural, 13h



OLHE NOS MEUS OLHOS ("Look Into My Eyes"), de Lana Wilson (EUA):

Taí "O" documentário estrangeiro da Mostra de 2024. É o tipo de produção que carece de distribuição urgente no Brasil, por ser um ímã de público. Com a meta de traçar um retrato de um grupo de médiuns da cidade de Nova York, o documentário registra sessões psíquicas particulares de um conjunto bastante distinto de clientes, que fazem questionamentos que não podem fazer em nenhum outro lugar. Gradualmente, os próprios médiuns se tornam os personagens principais do filme, conforme suas motivações e experiências de solidão - e perda - são reveladas. O longa foi exibido antes no Festival de Sundance, na mostra CPH: DOX e na maratona Hot Docs. Onde: Circuito SPCine Lima Barreto (CCSP), às 19h



A PROCURA DE MARTINA, de Márcia Faria (Brasil):

Martina (Mercedes Morán, em atuação estonteante) é uma viúva argentina que procura há mais de 30 anos pelo neto, nascido em cativo durante a ditadura militar. A necessidade de encontrá-lo se torna ainda mais urgente ao receber o diagnóstico de Alzheimer. Quando Martina descobre que o neto pode estar no Brasil, ela embarca em uma jornada em que passado e presente se misturam, transformando essa busca em uma luta contra o esquecimento. Onde: Cinesystem Frei Caneca 5, 16h45



CORREIO CULTURAL

A hora e a vez de debater a indústria da música



Divulgação

Simão Wolf parou o show para atender ligação da mãe

Momento fofa de violinista vira fenômeno nas redes sociais

O violinista Simão Wolf virou um fenômeno da web por causa de um telefonema de sua mãe. Tudo começou no dia 11 de outubro, quando ele se apresentava ao vivo em Caçador (SC), quando seu celular tocou. Ele interrompeu a apresentação para falar com sua mãe. Dona Marlice Woolf logou para dizer que tinha feito cuca de

chocolate para o filho. Um vídeo do episódio viralizou nas redes sociais, acumulando mais de 28 milhões de visualizações, mais de 1 milhão de curtidas, além de meio milhão de compartilhamentos. Esse gesto simples e afetuoso deu leveza ao espetáculo e gerou uma onda de fofura, conquistando o coração do público.

Tratamento

Oswaldo Montenegro adiou um show em Brasília por conta de uma “severa infecção nas cordas vocais”, segundo postagem em sua conta no Instagram. O músico se apresentou na sexta na cidade e faria show extra no sábado, que foi reagendado.

Troca-troca

O Grupo Silvio Santos anunciou o fim do ciclo de José Roberto Maciel como CEO da holding, onde atuava havia 27 anos. O anúncio ocorre dois meses após a morte de Silvio Santos. Integram o grupo o SBT; a Liderança Capitalização e a Jequiti, entre outras.

Tratamento II

Os ingressos para a apresentação estavam esgotados, e continuam valendo para a nova data. A apresentação faz parte da turnê que comemora os 50 anos de carreira de Oswaldo Montenegro, que já passou por Rio, Curitiba e São Paulo.

Troca-troca II

O cargo passa a ser ocupado pelo atual CFO, Marcelo Barp, que já atuou como CEO na Credz e na Ouze e tem passagens por Itaú Unibanco e LuizaCred. O executivo ingressou no Grupo em 1998, tendo passado por diversas funções.

Em sua 7ª edição, o TUM Festival leva a Florianópolis programação musical variada, roda de negócios, workshops e oficinas de capacitação

Mais que um evento de apresentações ao vivo, o TUM Festival é um espaço de discussão da indústria da música. Realizado anualmente em Florianópolis, ele chega à sua 7ª edição, entre 2 e 9 de novembro, com o objetivo de fomentar o ecossistema musical e as redes criativas reunindo grandes nomes da indústria da música, artistas consagrados e músicos independentes inscritos no edital de chamamento.

Idealizado por Ivanna Tolotti, o TUM tem como diferencial reunir importantes players do mercado musical com o objetivo de capacitar, promover e dar visibilidade para a música catarinense e brasileira, criando oportunidades e pontes, facilitando conexões e gerando novos negócios.

Neste ano o tema do evento é “Tudo Pulsa”. “Este é mais do que um tema, é uma declaração de que nossa arte, nossa cultura e nosso planeta estão interligados em uma dança vital – e essa dança está em risco. A cada acorde que ouvimos, a cada som que nos emociona, estamos tocando a última chance de agir, de salvar não só a música, mas o palco em que ela se apresenta: a Terra”, explica Ivana.

O cantor e compositor João Bosco é o grande homenageado do TUM Festival e volta à capital catarinense com seu quarteto - formado por Kiko Freitas (bateria), Ricardo



Larissa Trentini/Divulgação

O grupo Choro Mulheril, de Florianópolis em apresentação no TUM Festival 2023

Marcos Hermes/Divulgação



João Bosco é o grande homenageado na edição deste ano do TUM Festival

Silveira (guitarra) e Guto Wirtti (baixo) - para presentear o público com um show recheado de sucessos.

Fernanda Abreu, a garota carioca swing sangue bom, levará ao evento seu mais recente show com banda completa. E, pela primeira vez em Santa Catarina, após uma apresentação arrebatadora no Rock im Rio, as Suraras do Tapajós, grupo formado por mulheres indígenas de Alter do Chão (PA), mostrará ao público a força do carimbó e da cultura amazônica.

Na semana seguinte, no dia 7, os pernambucanos Amaro Feitas e Zé Manoel celebram juntos o Clube da Esquina. Amaro é uma das maiores revelações da música contemporânea, ganhando destaque na imprensa

especializada internacional, e Zé Manoel completa a noite com sua interpretação ímpar, muita técnica e sensibilidade.

No dia 8, o lendário Beto Guedes sobe ao palco para comemorar seus 50 anos de carreira. Já no dia 9, Otto, outro renomado artista de Pernambuco, sobe ao palco para comemorar os 15 anos do álbum “Certa Manhã Acordei de Sonhos Intranquilos”.

Temática relevante

Temas relevantes e atuais colocam o TUM Festival no centro do debate contemporâneo sobre o mercado da música, economia criativa, sustentabilidade e responsabilidade social.

O evento vai promover rodas de negócios, workshops e oficinas de capacitação com temas como Relações Governamentais para o Setor Cultural, Conhecendo a PNAB - Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura, Sustentabilidade na Economia da Cultura: As Estratégias e Ações de Festivais e Feiras, Construção do Coletivo e Movimentos Culturais, Inteligência Artificial: prós e contras no âmbito da Comunicação e Imprensa, Workshop de Aceleração Artística, Booking e Agenciamento Artístico, Networking: A Importância das Feiras e Festivais na Construção de Carreiras Musicais.

A parceria além-mar que barbarizou

Fred Martins e Marcos Suzano se encontram na linguagem do samba

Asoma de dois músicos consagrados em dois continentes diferentes, que se encontram no universo afro-brasileiro do samba (entre outros gêneros da música negra carioca): esse é o fio condutor de “Barbarizando Geral”, álbum que une o cantor e compositor Fred Martins e o percussionista Marcos Suzano, um dos mais respeitados músicos brasileiros.

Já disponível nas plataformas digitais via Biscoito Fino, o álbum foi gravado simultaneamente em Lisboa e no Rio ao longo de dois anos, entre idas e vindas de Fred - que há 15 anos vive entre Portugal e Espanha - ao Brasil e trocas de arquivos digitais entre os dois.

“Barbarizando Geral” aborda temas sensíveis na atualidade, como a crise ambiental, mas também fala de amor, epifania

e celebração da vida, incluindo nessa leva a canção que dá nome ao álbum e ainda “Senzala”, “Dois Chicos” (homenagem a Chico Buarque e ao Papa Francisco) e “O Rancho da Seita Suicida” (que discute o perigo do negacionismo como prática política).

O álbum tem ainda “Ahmed”, deliciosa e bem-humorada brincadeira com o personagem criado nas redes sociais que seria, segundo as mesmas fake news, o verdadeiro compositor dos maiores sucessos de Chico Buarque. A faixa conta com a participação luxuosa do grupo MPB4, que em 2024 completou 60 anos de estrada, com arranjo vocal de Paulinho Malaguti Pauleira.

Para Fred, o álbum tem muito de crônica social, em forma de samba: “Ele fala de problemas como a desigualdade social, o autoritaris-



Juntos, Marcos Suzano e Fred Martins apresentam um repertório de fina artesanaria

mo e a destruição absoluta do meio ambiente. O disco nasce da nossa inquietude em relação ao aumento do discurso ultraconservador, fascista mesmo, que naturaliza e semeia o ódio e a violência. ‘Barbarizando Geral’ comenta uma série de situações que acontecem nesse quadro desolador, mas também reafirma a única saída possível: uma relação amorosa consigo mesmo e com o mundo”, pontua o cantor e compositor nascido em Niterói, para quem produzir o álbum com Marcos Suzano foi desafiador.

“Suzano preparou surpresas que eu não imaginaria, e levou o meu violão e o meu canto para lugares inesperados”, comenta Fred Martins.

Suzano confirma o desafio: “Eu dei muita sorte. O Fred toca um violão da pesada. Quando vem a batida, eu sinto um ímpeto e tenho que analisar a letra pra definir qual direção tomar. E isto é muito legal”, elogia.

Neste trabalho, os arranjos minimalistas sublinham o essencial de cada canção, destacando

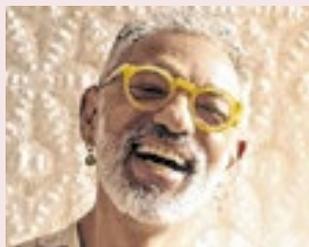
letras, melodias e seções rítmicas. Juntos, Fred Martins e Marcos Suzano garantem um repertório de fino artesanato, embalado por um diálogo criativo entre percussão, voz e violão. O bandoneón de Martín Sued, os teclados de Sacha Ambak, o trompete de Aquiles Moraes e o trombone de Everson Moraes, além das vozes de Nani Medeiros e do já citado MPB4, completam a riqueza sonora de “Barbarizando Geral”, que está lançado simultaneamente no Brasil e em Portugal.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Obra com brasilidade

O cantor e compositor Zé Guilherme lança na próxima semana nas plataformas de música o single “Paiol do Ouro”, composição assinada por Alexandre Leão e Olival Matos. A faixa segue na estética do intérprete, cuja obra conjuga brasilidade e contemporaneidade. O tradicional e o pop caminham na mesma trilha, sempre com arranjos originais e singulares, que podem ser conferidos em sua discografia formada por quatro CDs, dois EPs e seis singles lançados no mercado fonográfico, em 26 anos de carreira.



Para cantar um herói

O rapper e ativista haitiano Vox Sambou canta e reflete sobre a luta pela liberdade e contra a tirania em seu novo single, “Boirond Tonnerre”, feat com Mano Beats, que chega às plataformas acompanhado de videoclipe. A canção mistura ritmos tradicionais haitianos, funk e influências caribenhas para celebrar a vida de Jean-Baptiste Riché Boirond Tonnerre, figura-chave na Independência do Haiti. “Ele redigiu o Ato de Independência de 1804. A canção tem sons vibrantes e culturalmente ricos”, conta.



Eternizando momentos

Um dos destaques da MPB pop, o cantor e compositor mineiro Gabriel Gonti lança sua nova música “Doce Flor”. Essa é uma canção intimista e cheia de saudade que celebra a infância e as relações familiares, eternizadas através da música. Escrita para suas sobrinhas gêmeas e sentindo saudade de estar perto da família, a faixa é um lançamento da Olga Music. A faixa ganha um clipe intimista e lúdico dirigido por Júnior Silva e gravado em frente à casinha de boneca das meninas.



O que o silêncio diante do assédio proporciona?

Rodrigo Menezes/Divulgação



O espetáculo mergulha em feridas profundas provocadas pelo assédio

‘Fides – Fé em Latim’ aborda o assédio moral e sexual na sociedade contemporânea e dentro da igreja católica

O sentimento de angústia que se espalhou na época da pandemia inspirou o ator, diretor e dramaturgo Renato Carrera a escrever um texto tendo o assédio como temática. A obra surgiu inicialmente como um fluxo contínuo de pensamentos, um texto narrativo sem diálogos, e foi se desenhando, aos poucos, na forma de uma peça.

Com direção do próprio Carrera e Dani Ornellas, “Fides – Fé em Latim” é o novo espetáculo da BruzunCompany. A montagem estreia em nesta quinta-feira (31) no Teatro Municipal Domingos Oliveira, onde cumpre temporada de quinta a domingo, até 1º de dezembro.

Formado por Renato Carrera, Dani Ornellas, José Karini e Hugo Germano, o elenco mergulha em

feridas profundas provocadas pelo assédio moral, sexual e familiar na sociedade contemporânea e na igreja católica. A peça se passa numa pequena cidade, onde um jovem religioso, funcionário dos Correios e filho de uma mãe dominadora, tem sua fé abalada por conflitos sexuais e morais ocorridos dentro da igreja que frequenta. Ele decide fazer justiça com as próprias mãos e, assim, modificar sua vida para sempre.

“O espetáculo tem como fio narrativo os pensamentos de um jovem que sofreu abuso sexual dentro da igreja católica. É um drama não realista que se passa dentro da cabeça dele”, explica Renato Carrera. “O que acontece na cabeça da vítima

depois? Quais são as consequências dentro da mente do personagem? É isso que vamos acompanhar na peça”, completa.

Para Dani Ornellas, o projeto levanta questões profundas e questiona até onde vai o silêncio das pessoas diante de um assédio, bem como suas consequências, tendo uma pergunta como cerne do problema: “o que o seu silêncio diante do assédio ocasiona?”

A cenografia criada por Daniel de Jesus propõe um palco despido de elementos. Com o elenco presente o tempo todo em cena, um círculo no chão delimita o espaço onde as cenas transcorrem. Com direção de movimento de Maria Alice Poppe, a coreografia foi cons-

truída a partir da fisicalidade intensa trazida pelo elenco durante o processo de criação. A trilha sonora original criada por Alexandre Elias ressalta a tensão psicológica que permeia a obra.

“O Brasil foi forjado na base da violência e abuso, e nossa constituição velada carrega o peso de muitas tragédias. A maioria dos abusos ocorre dentro do círculo familiar ou entre pessoas próximas das vítimas. É essencial abordar essa realidade, e a arte tem um papel crucial ao nos permitir refletir tanto sobre nossas experiências pessoais quanto sobre a sociedade que nos cerca”, afirma o produtor Gabriel Bortolini.

Com mais de 15 anos de parcerias em pesquisas e criações de projetos, a BruzunCompany é lançada oficialmente com a estreia da comédia musical “Os Bruzundangas”, primeira adaptação do livro escrito por Lima Barreto para os palcos. A companhia é composta por Renato Carrera, Dani Ornellas, Hugo Germano e Jean Marcell Gatti. O espetáculo “Os Bruzundangas” fez temporadas nas quatro unidades do CCBB (Rio, São Paulo, Brasília e Belo Horizonte). Em outubro, a peça foi apresentada no Festival Internacional de Artes Vivas, em Bogotá, por meio da 2ª edição do ¡Hola Rio!, um edital de internacionalização da cultura fluminense realizado pela Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro.

A peça é uma produção da Reprodução e #pingoeltraproduções com patrocínio do Governo Federal, por meio do Ministério da Cultura e da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, e ainda conta com os apoios institucionais da Embaixada de France Au Brésil, Goethe Institut e Juntas na Cultura.

SERVIÇO

FIDES - FÉ EM LATIM
Teatro Municipal Domingos Oliveira (Av. Padre Leonel Franca, 240 - Planetário da Gávea)
De 31/10 a 1/12, de quinta a sábado (20h) e domingos (19h)

Divulgação

Ele não se entrega não!



Como Othon Bastos, de 'Deus e o Diabo na Terra do Sol', voltou ao auge de sua carreira aos 91, brilhando no teatro e no cinema



Divulgação

Othon Bastos em 'Deus e o Diabo na Terra do Sol' (1964), um marco para o Cinema Novo e que consagraria o ator

Por **Bruno Ghetti** (Folhapress)

Elis Regina dizia que teve uma crise de choro na primeira vez que viu Othon Bastos pessoalmente. Impactada por sua performance como Corisco, no filme "Deus e o Diabo na Terra do Sol", de Glauber Rocha, a cantora não segurou as lágrimas na frente do ator. Talvez mais do que diante de um grande intérprete, Elis sentia estar diante de um símbolo da cultura nacional.

Outra de nossas maiores artistas,

Fernanda Montenegro, teve reação parecida ao encontrar Bastos, há algumas semanas. Em um vídeo que viralizou, a atriz, de 95 anos, abraçava Bastos, de 91, aos prantos, depois de vê-lo nos palcos com o monólogo "Não Me Entrego, Não!", fenômeno no boca a boca na cena teatral carioca deste ano. "Você nunca errou! Nunca errou!", Fernanda dizia entre as lágrimas, a um Bastos mudo pela emoção.

O ator parece ter acertado novamente, a ponto de, mesmo nonagenário, voltar de novo ao auge de

sua carreira. Além de estar em cartaz com uma peça de enorme sucesso, ele participou de uma das maiores bilheterias do cinema nacional do ano, o espírito "Nosso Lar 2: Os Mensageiros", que levou cerca de 1,5 milhão de espectadores às salas, e estreia nesta semana como protagonista de outro longa, "O Voo do Anjo", de Alberto Araújo.

Neste último, ele interpreta um idoso que se torna amigo de um rapaz deprimido após perder a filha pequena em um acidente. Solitário, o velhinho se beneficia do convívio

com o novo companheiro, quase 50 anos mais novo. "Solidão você pode sentir em qualquer momento, idade ou instância", diz o ator, negando se identificar com seu personagem nesse aspecto. "A solidão é algo a que a gente tem que se adaptar e aprender a conviver. Saber lidar com ela."

O ator diz que aceitou fazer o filme por ter gostado do roteiro, mas também pela amizade com Araújo, que já o havia dirigido em 2013, em "Vazio Coração". Foi Bastos, aliás, quem escolheu outro amigo, Emílio Orciollo Netto, para interpretar o

rapaz em depressão que com o protagonista aprende lições de vida.

Lições que vão na mesma linha das que o próprio Bastos também ensina ao público em "Não Me Entrego, Não!", dirigido e escrito por Flávio Marinho, em cartaz desde junho no Rio. "É um grande contentamento ter neste ano dois filmes e um monólogo de uma hora e meia. É uma recuperação de tanto tempo parado com a pandemia. Mas a TV também chama cada vez menos atores com certa idade. Agora só jovens fazem novela. Então cada um tem que cuidar de si mesmo e lutar", diz. "Essa peça foi um grande achado, um grande momento de esperança de continuar. Para seguir em frente, você tem que ter alegria de viver, e eu tenho."

No monólogo, Bastos opta por falar da carreira de 72 anos com humor e diz que uma de suas grandes satisfações é ver artistas com idade próxima à sua em atividade. "Fico feliz quando vejo Fernanda Montenegro, com 95, e Nathália Timberg, também com 95, fazendo o que estão fazendo no teatro. Ver colegas meus de uma certa idade trabalhando e jogando a velhice para fora."

A trajetória artística de Bastos é admirável, para dizer o mínimo. No palco, participou de encenações de autores que vão de William Shakespeare a Ariano Suassuna, passando por Bertolt Brecht, e foi dirigido por nomes como José Celso Martinez Corrêa, Gianni Ratto e Bibi Ferreira. Na TV, participou de mais de 80 atrações, entre novelas, séries e especiais.

E no cinema fez papéis memoráveis em filmes como "Os Deuses e os Mortos" (1970), de Ruy Guerra, e "São Bernardo" (1972), de Leon Hirszman, no qual ele considera ter feito seu melhor papel. No imaginário nacional, contudo, Bastos se cristalizou como Corisco.

"Depois de 'Deus e o Diabo', queriam que eu voltasse a fazer cangaceiro. E disse que jamais voltaria, porque tinha feito Corisco, e passei quatro anos sem fazer filmes justamente recusando esses papéis. Tem que saber conduzir sua vida. Você não é responsável pelas coisas que acontecem com você. Mas é responsável pelas coisas que escolhe."



Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra
uma liderança imbatível de mercado tem que
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.

PROTEL

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.